

Somos, necessariamente, contraditórios?

Newton Cunha

Aquilo que a filosofia denominou dialética, desde Heráclito e Platão até Hegel e Marx, parece convir, ao longo da história de todas as sociedades, com o pensamento e a ação dos homens. Refiro-me ao fato de que convivemos tanto com o amor e a compaixão de Francisco, quanto com o ódio e a crueldade de Fálaris, com a medida e a temperança (*sofrosine*) e com a desmedida e a petulância (*hybris*).

Já Heráclito (séculos VI e V a.C.) se convencera de que nada é inteiramente rígido, que tudo se encontra entrelaçado e nada permanece (*πάντα χωρεῖ καὶ οὐδέν μὲνει*, conforme citado por Platão no Crátilo), ou que os fenômenos dos mundos, humano e natural, ocorrem por fluxos e refluxos, e não por uma identidade inalterável. E essa passagem contínua, de uma coisa a outra, nada mais seria do que o transformar-se em seu contrário. O visível se faria invisível, a ordem, desordem e vice-versa. Sombra e claridade, bem e mal, ação e reação, começo e fim constituiriam um eterno revezamento. Por isso, “o combate é o pai de todas as coisas e, de todas, o rei; e tudo acontece segundo a discórdia e a necessidade; pois a mudança de um conduz ao outro, e reciprocamente” (fragmentos 53, 80 e 88). Por fim, o todo se revelaria justamente pela unidade dos contrários. Assim, os princípios da dialética, já em seu nascimento, fundamentaram-se nas ideias de oposição e de transformação e, com elas, somos induzidos a ver os fenômenos naturais e humanos como realidades ao mesmo tempo efêmeras e contraditórias.

Quanto à dialética em Platão, ela constitui, diferentemente da de Heráclito, apenas um método de investigação que nos permitiria entrar na essência das coisas, ou seja, recordar as *Ideias* (as realidades essenciais, incondicionadas e imutáveis que a alma já teria vislumbrado) por meio de um jogo de perguntas e respostas, de prós e de contras (sob influência dos sofistas, seus contemporâneos, expertos da discussão). Ou ainda de um diálogo espiritual interior, no qual se opõem afirmações e negações, sendo o Bem a mais elevada

das Ideias, fundamento de todo conhecimento e de todas as demais a ele relacionadas. É que a razão procura ultrapassar os atributos dos objetos e dos fenômenos que são, por experiência, perecíveis e mutáveis. Se uma coisa é bela ou grande, ou útil, essas qualidades (beleza, grandeza, utilidade) desaparecerão com a decadência ou a extinção da coisa a que se referem. Mas a Ideia (εἶδος, ἰδέα) de Beleza, independentemente da experiência limitada e do tempo, é possível de ser apreendida em sua perfeição e pureza, liberta de restrições e de imperfeições naturais.

E não deixa de ser dialética a sentença de Sócrates, mestre de Platão, de que “uma coisa que sei é que nada sei” (ἐν οἷᾳ ὅτι οὐδὲν οἶᾳ – *Menon*, 80d,3-1), pois para distinguir o que se sabe do que não se sabe é preciso, antes de tudo, ter consciência do que é o saber, tanto em sua forma fundamentada e pertinente (*episteme*), quanto apenas subjetiva, incerta e mesmo caprichosa (*doxa*)

O entendimento mais característico da dialética, como ação intrínseca aos fenômenos materiais ou espirituais, retornou com força nas ideias do teólogo luterano Jacob Böhme. Segundo ele, Deus contém em si uma polaridade de forças opostas: por um lado, Ele é o Nada, um abismo insondável e indeterminado, do qual, contudo, brota um desejo irreprimível de vida, através do qual as diversas realidades em que a Criação se desdobra tomam forma. Em suas palavras: “O que é o abismo de todas as coisas, onde não há criatura, ou seja, o Nada abissal? É a morada da unidade divina, pois o abrir-se [*das Auf-thun*], ou seja, a unidade ou *eu-ser* do Nada [*das Ichts des Nichts*], é o próprio Deus. O desabrochar é a unidade, um eterno viver e fluir [*Wellen*]: vontade [*Wille*] pura que nada tem a desejar senão a si mesma” (*Questioni Theosofiche, ovvero esame dela divina rivelazione in 177 domande*, II, 1, Edizioni Scientifiche Italiane, 1996). Deus abarca em Si mesmo o Bem e o Mal, o espírito e a matéria, a luz e as trevas, reconhecendo a positividade do que é negativo. Diz ainda o sapateiro teólogo: “Saiba o leitor que todas as coisas consistem no Sim (*Jah*) e no Não (*Nein*), sendo elas divinas ou diabólicas, terrenas ou de qualquer outro modo. O Uno, isto é, o Sim, é pura força (*Kraft*) e vida e a verdade de Deus, ou o próprio Deus. Deus, porém, seria incognoscível em Si mesmo, e n’Ele não haveria alegria ou exaltação ou sentir sem o Não. O Não é o seu contrário, uma força de resistência (*Gegen-wurf*) do Sim e da verdade. Para que a verdade se manifeste

e seja algo, deve haver um contrário no qual o viver eterno seja ativo, sensível e disposto” (idem, III, 2). Segue-se daí que ação e reação, ou atração e repulsão, permitem o movimento do universo, assim como, nas relações humanas, o bem e o mal, a força e a debilidade, o mando e a subordinação convivem incorporados - conjunta e opostamente - na vida socioespiritual.

Esse jogo reaparece criticamente em duas obras de ficção da Renascença: no poema *A Nau dos Insensatos* (Das Narrenschiff), de Sebastian Brant, e no relato irônico e obra mestra de Erasmo de Roterdã, o *Elogio da Loucura* (Moriae encomium). Brant expõe em 114 capítulos todos os vícios e comportamentos humanos opostos às virtudes: “Não penses que nós, os insensatos, estejamos sós: / Temos irmãos, grandes e pequenos; / Em todas as terras e lugares, / É infinita nossa confraria” (XXV);¹ além de afirmar, entre várias outras coisas, que “a riqueza é algo primoroso, mas depende do acaso da fortuna, que dança como a roda. Bela é a glória do mundo, mas inconstante, de modo que pende ora para cá, ora para lá. Um belo corpo é algo que muito se preza, mas talvez não dure mais que uma noite; a saúde nos é cara, mas pode esquivar-se furtivamente como um ladrão. O vigor e a força são admiráveis, porém, ao final, sucumbem à doença e à velhice. Por isso, nada é tão duradouro como o bom ensinamento” (Octavo Editora, 2010, pg. 39).

Quanto a Erasmo, é como se o autor quisesse personificar a ambiguidade do homem, mostrando-o ao mesmo tempo, ou alternadamente, como ser inteligente e ignorante, *sapiens* e *stultus*. E convém esclarecer que, para ambos os autores, a loucura ou a insensatez significa *entrega às paixões*:² Ela própria, a insanidade, o afirma: “Sábio é aquele que vive de acordo com as regras da razão, e louco, ao contrário, é o que se deixa arrastar ao sabor de suas paixões. Eis por que Júpiter, com receio de que a vida humana se tornasse triste e infeliz, achou conveniente aumentar muito mais a dose das paixões que a da razão” (Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, 1972, pg. 31). “Dizei-me se há, por acaso, um só

¹ Glaub nicht, wir seien Narrn allein:/ Wir haben Brüder groß und klein;/ In allen Landen, überall,/ Ist endlos unsre Narrenzahl.

² A paixão pode ser definida da seguinte maneira: “Tendência que uma emoção ou afeição tem de não só orientar, mas ainda a de dominar a personalidade do indivíduo, fazendo-o agir de modo intenso e irresistível, e, portanto, submetendo a razão à sua força. Genericamente entendida, a emoção é um estado psíquico que, acompanhado de dor ou prazer, de atração ou de repulsão, leva o ser humano a atribuir um valor ou importância a determinado objeto ou situação vivida” (Dicionário Sesc, a Linguagem da Cultura, Ed. Perspectiva, 2001).

dia na vida que não seja triste, desagradável, fastidioso, enfadonho... quando não é animado pela volúpia, pelo condimento da loucura... Como é bom viver, mas sem sabedoria, pois esta é o veneno da vida"... (idem, pg. 23). "Não satisfeito com isso, uniu Júpiter à razão, que estava sozinha, duas fortíssimas paixões, que são como dois tiranos: a cólera, que domina o coração... centro da vida; a outra é a concupiscência, que estende seu império desde a mais tenra juventude até a idade mais madura" (idem, pgs. 31 e 32). A natureza, talvez mais sábia do que suas criaturas, teria procurado, com isso, impedir que "a peste da sabedoria" se estendesse em demasia e reinasse sozinha, autocraticamente.

Ao mesmo tempo, ainda segundo Erasmo, todas as coisas humanas comportariam dois aspectos, como os tinham os Silenos, cuja fisionomia exterior era grosseira, mas cuja alma se revelava nobre e, por esse motivo, o que parece ser desprezível, ao fim se mostra digno; mas o que parece ser valioso poderá ser frívolo, e o que dá prazer terminará por ser nocivo.

Assim é que, no texto de Erasmo, nenhuma sociedade suportaria apenas os ditames da razão. É preciso que as emoções ou os apetites, que constituem a *alma sensitiva* (nos termos de Descartes) sejam cúmplices dessa convivência, a fim de amenizar a severidade ou a fria ordem racional, ainda que esta aqui seja necessária à melhor convivência possível em sociedade.

E por quê? Pelo simples motivo de que os sentimentos e as paixões, nasçam do corpo ou do espírito, são coisas naturais e tentar rechaçá-las de maneira completa é uma tarefa inútil.³ Diz Descartes (*As Paixões da Alma*, Obras Escolhidas, Ed. Perspectiva, 2010): "Cumpra observar que, segundo o que a natureza instituiu, elas [as paixões] se relacionam todas ao corpo e são dadas à alma apenas na medida em que a ele está unida; de sorte que o seu uso natural é incitar a alma a consentir e a contribuir nas ações que podem servir para conservar o corpo ou para torná-lo de alguma forma mais perfeito (artigo 137). Portanto, há de fato uma ligação entre a alma e o corpo, "o que mostra que todas as cinco [paixões] são muito úteis com respeito ao corpo, e mesmo que a tristeza anteceda de alguma forma e sendo mais necessária que a alegria, e o ódio mais que o amor, porque importa mais repelir as coisas que prejudicam e podem destruir do que adquirir as que acrescentam alguma perfeição sem a qual se

³ Um conhecido provérbio francês expressa essa inutilidade: *Chassez le naturel, il revient au galop* (Afastai o natural, ele retorna a galope).

pode subsistir (artigo 137)... De resto, a alma pode ter os seus prazeres à parte; mas, quanto aos que lhe são comuns com o corpo, dependem inteiramente das paixões: de modo que os homens que elas podem mais emocionar são capazes de apreciar mais doçura nesta vida. É verdade que também pode encontrar nela mais amargura, quando não sabem bem empregá-las e quando a fortuna lhes é contrária; mas a sabedoria é principalmente útil neste ponto, porque ensina a gente a tornar-se de tal forma seu senhor e a manejá-las com tal destreza, que os males que causam são muito suportáveis, tirando-se mesmo certa alegria de todos” (artigo 212).

Vê-se, por conseguinte, que o estímulo proporcionado pelas paixões é necessário e benéfico, desde que a razão, ou pelo menos o bom senso, o contenha em certa dose ou quantidade.⁴ A virtude, portanto, estaria no meio (*virtus in medio est*), ou, como se expressa Pierre Le Moyne, “Cabe [à moderação] reduzir as Paixões à Mediocridade, porque toda Virtude, de qualquer ordem que seja, tem dois extremos opostos, um por excesso e o outro por falta; e a perfeição consiste em encontrar o meio-termo justo entre um e outro” (*Les peintures morales*, l. VII, c. I, Ed. Pierre Mauger, 1659, p. 596).

Se de um lado há indivíduos que se dedicam à aquisição de um conhecimento factual e justificado, que se valem de experiências passadas, pessoais e históricas, que prezam as virtudes, os princípios éticos e o comportamento moral, que se veem participantes de um todo natural e social que deve ser séria e respeitosa considerada, há muitos outros que preferem ou se deixam levar apenas por uma imaginação mais tosca do que brilhante, por credices e abusões, por esperanças sabidamente infundadas, pelo palanfrório vazio, por imposturas, vícios ou delitos das mais diversas origens e intenções, ou ainda por um individualismo cego, que se enquadra perfeitamente no que se conhece como *idiotice*. Valendo-nos ainda de Erasmo, nesses casos vê-se que “toda tolice, por mais grosseira que seja, sempre encontra sequazes... e a ignorância possui dois grandes privilégios: um que consiste em estar de perfeito acordo com

⁴ As classificações dadas às paixões são diversas. Tomás de Aquino as distingue em oito principais, a saber, por suas oposições: alegria, tristeza, amor, ódio, desejo, fuga, medo, audácia, esperança, desespero (nada esperar), ira ou cólera. Quanto a Descartes, a lista é bem mais extensa, incluindo, além daquelas “primitivas”, outras “particulares”, como: o desprezo e a estima, a generosidade e a avareza, o orgulho e a humildade, a covardia e a ousadia, a glória e a vergonha, o desgosto, o arrependimento.

o amor-próprio, e outro, que consiste em trazer consigo a maior parte do gênero humano” (idem, pg. 79).

A chegada de Hegel ao cenário histórico da filosofia trouxe consigo a ideia de que a consciência humana evoluiria justamente por intermédio de seus conflitos e erros, de suas crises e contradições, e, assim, se tornaria, progressivamente, consciente de si mesma. Podemos ler, por exemplo, a seguinte passagem que nos parece esclarecedora a respeito: “Qualquer crime, qualquer erro e, de forma mais geral, qualquer ser finito ou qualquer pensamento finito são contradições. A tal ponto que é até preciso dizer que não há nada em que não exista uma contradição que, claro, também se suprime, superando-se novamente”... “Do fato de se perceberem as contradições, não com os olhos do corpo, mas com os olhos da mente [significa] ... que a mente, em geral, tem tais contradições na sua consciência que até as pensa. Esta propriedade deve ser também a causa do fato de se procurar resolvê-las: mas se elas não existissem, em qualquer lugar, nem na experiência exterior, nem na experiência interior do pensamento, não se poderia sentir a tentação de resolvê-las” – Recensão ao livro *Idealrealismus* de L. J. Ohlert, in *Berliner Schriften*, aos cuidados de Johannes Hoffmeister, Felix Meiner Verlag, vol. 11, Hamburg, 1956, pg. 408.

Ou ainda: “A própria experiência corrente mostra que há uma infinidade de coisas contraditórias, de instituições contraditórias etc. E suas contradições não estão presente numa reflexão externa, mas sim em si mesmas... É preciso reconhecer aos antigos dialéticos as contradições que detectavam no movimento: mas daí não decorre que o movimento não exista. Pelo contrário, daí decorre, antes, que o movimento é a contradição existente” (*Wissenschaft der Logik*, II, Felix Meiner Verlag, Hamburg, 1963, pg. 58).

Decorre desse entendimento que cada determinação do intelecto supõe um contrário. Por exemplo, a ideia de uno conduz à ideia de múltiplo, a de falso ou mentiroso à de verdadeiro, a de luxo à simplicidade ou escassez, a de semelhante à de diferente, a de particular à de universal, a de indivíduo à de coletividade. E contrapomos inevitavelmente a oferta à procura, a produção ao consumo, o justo ao injusto, o bom ao mau, o módico ao dispendioso, a guerra à paz e assim sucessivamente.

Além disso, por meio da consciência ocorreria um movimento vivo e natural de passagem de um estado a outro, mais aperfeiçoado, seja no âmbito individual,

seja no mundo da sociedade, correspondendo ao *progresso do espírito*. Entenda-se o conceito de espírito como tudo aquilo envolvido e dependente da linguagem, das regras sociais, da vida econômica, das artes, da ciência, das tecnologias e da religião. Esse automovimento do espírito é também uma autorreflexão e por isso não apenas o espírito é uno e o mesmo (*unum atque idem*), mas se configura por sua diversidade, e como todo real pode ser apreendido pela razão, todo real é racional, ou seja, decorre de uma causa, não de um acaso, e vice-versa). A consciência se dá, inicialmente, de modo imediato, até perceber que esse imediatismo é precário e insuficiente. Ao se deparar com aquilo que lhe nega ou contradiz, tal percepção permite à consciência passar a um outro estado que se pode denominar de desenvolvimento ou momento de progresso do espírito. Nessa transição, porém, a consciência conserva o que havia de verdadeiro na passagem a um novo estado, exercendo assim uma ação que mais transforma do que elimina o passado. Tal superação, que é também uma conservação parcial do estado anterior, é exposta por Hegel na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, entre outras, na seguinte passagem: “Aqui é preciso recordar o duplo significado de nossa expressão alemã *aufheben*. Por *aufheben* nós entendemos remover, negar, referindo-nos, por exemplo, a uma lei, a uma instituição que foram suprimidas. Por outro lado, *aufheben* também significa conservar, e nesse sentido dizemos que algo está bem conservado *wohl aufgehoben*” (*Erster Theil, Wissenschaft der Logik*, editado por Leopold von Henning, Berlin, pg. 191).

Essas breves considerações nos levam a pensar que, no final das contas, as realidades do mundo, da vida e das sociedades não seguem em uma linha reta e inalterada, nem se dispõem em terreno plano, fixo, ordenado e pacífico, mas em um campo de forças que avançam e recuam, que surgem e desaparecem, e que a tudo transformam, permanentemente. Assim sendo, por mais que desejemos a estabilidade ou o crescimento continuado das coisas, o movimento intrínseco e contraposto que as preside as torna definitivamente passageiras.